UM HÍBRIDO JURÍDICO-PUNITIVO/PSIQUIÁTRICO-TERAPÊUTICO

ALEXANDRE MEYER ALVES DE LIMA
Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS-RJ

Como aponta Sérgio Carrara, autor da obra por nós aqui visitada*: "O ato de escrever qualquer que seja a sua finalidade implica sempre uma certa solenidade e se desenrola em meio a difíceis negociações. Negociações onde estão presentes medos, inseguranças, compromissos, pretensões, talentos, objetivos ocultos ou explícitos, suposições, estratégias, cálculos de toda natureza e outras tantas microdeterminações nem sempre fáceis de ponderar" (: 55).

E assim me vi diante do problema de como resenhar criticamente *Crime e Loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*, dando conta dos vários aspectos que o texto aborda sem me perder numa discussão estéril se o resultado obtido por Carrara pode ser tributado a uma arqueologia ou a uma genealogia dos saberes e práticas sociais. Mais do que rastrear a influência das obras de Michel Foucault no seu texto, preferi aceitá-lo como um *precipitado*, utilizando a própria expressão que o autor toma emprestado dos químicos para denominar a especificidade da emergência histórica do manicômio judiciário entre nós, enquanto produto singular de um conjunto de processos sociais específicos.

Ao contrário do autor, que no pósfácio vai mergulhar no debate sobre a influência de Michel Foucault na produção sobre crime e loucura dos anos

*. CARRARA, Sérgio. 1998. *Crime e Loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*. Rio de Janeiro: EdUERJ; São Paulo: Edusp (Coleção Saúde & Sociedade, 4). 228p.

80 e na defesa do estruturalismo foucaultiano como o modelo teórico que fundaria, entre nós, a incorporação de múltiplas e simultâneas ordens de causalidade para explicarmos os fenômenos sociais, me eximi de debater a citada distância que separa Rio Janeiro e São Paulo no e para o debate de idéias.

São preocupantes as falas sobre a sociedade brasileira que se apresentam como novas e instauradoras da liberdade não determinista, mas que em muitos casos são apenas uma desforra de todas as perseguições e discriminações que os imigrantes – italianos, polacos, luteranos, judeus, japoneses, etc. – sofreram por parte da elite brasileira quatrocentona. Preocupa-me uma forma de falar do saber médico como se a doença mental não existisse e tudo não passasse apenas de rótulos, disciplinarização dos corpos e mecanismos de poder. Do mesmo modo, os estudos de gênero que, de forma maniqueísta, colocam sempre o homem branco heterossexual como o vilão do faroeste. Mas o texto de Carrara não comete esses pecados.

O próprio texto de *Crime e Loucura* fornece a chave para que o leitor o decifre, pois em sua busca nos arquivos, nos textos escritos que ele constituiu como "aldeia-arquivo", objeto e fonte de sua pesquisa sobre o fenômeno cultural, o evento histórico encarnado pelo manicômio judiciário, revela e aponta os conflitos e acomodações que fazem a sociedade brasileira ser o que é.

A pergunta feita pelo autor – "como tal instituição [o manicômio] pode ter se tornado algo pensável e defensável?" – nos é respondida pela apresentação dos textos que exemplificam os embates travados entre os defensores da Escola Positiva de Direito Penal e da Escola Sociológica, posições emblemáticas das idéias em disputa entre 1890 e 1920. Como o autor nos revela o contexto em que realizou a pesquisa e os apuros por que passou em seu contato com os fantasmas trágicos do criminoso e do louco, me vejo na obrigação de retribuir tal dádiva e explicitar o *topos* a partir do qual faço essa resenha.

Minha formação é em sociologia, mais especificamente em planejamento urbano e políticas públicas. Em 1995-96 atuei no grupo anti-AIDS do centro Psiquiátrico Pedro II, o antigo Hospício Nacional, sob a Coordenação do Dr. Jorge Aloice Gomes, e hoje estou presidente de uma ONG – o Núcleo do Estado do Rio de Janeiro da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS – que tem uma de suas sub-sedes no Centro Comunitário do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira – nome atual

do antigo asilo dos alienados –, e represento os usuários do SUS no Comitê de Ética em Pesquisa da FIOCRUZ.

Estando a alguns quarteirões do presídio de Água Santa, esse lugar me permite identificar uma falta de oferta de serviços (novos e velhos); os arquivos médicos e institucionais se perdendo pela ação do tempo e dos cupins que, somada a recursos alocados em novas tecnologias como o vídeo, sem o devido cuidado de catalogação e conservação, cria a sensação dos labirintos-bibliotecas descritos por Jorge Luis Borges; some-se a isso a dificuldade atual para que os profissionais anotem nos prontuários as anamneses, os diagnósticos, as prescrições, bem como preencham os relatórios elaborados pelas gerências.

Hoje, no começo do século XXI, o velho asilo não existe mais como unidade administrativa nem como modelo terapêutico e disciplinar, mas as disputas entre as facções do saber médico, os grupos de gestores da saúde (União, Estados e Municípios), os interesses dos prestadores de serviço, os psicólogos, os assistentes sociais e outras categorias profissionais da área de saúde que competem com o poder médico, impedem que outros serviços sejam implantados na forma e quantidade para atender as diversas demandas em saúde mental – bem como o que de hospital tradicional deve continuar a existir, como colocam as demandas das associações de familiares dos doentes mentais.

Outro canto do *topos* a partir do qual falo e escrevo passa pela dificuldade para o leitor ter acesso ao texto. Além da demora para se conseguir publicar um trabalho acadêmico, as livrarias – inclusive as universitárias – não têm a obra disponível devido à pequena tiragem e à fraca estrutura de distribuição das editoras universitárias. Pergunto a todos nós, interessados nesse tipo de texto: por que não disponibilizá-los na Internet e em mídias eletrônicas de baixo custo, como um CD-Rom? Posteriormente as obras podem ser publicadas em outros suportes.

O texto de Carrara nos coloca a par dos registros das divergências entre os expoentes do saber médico, entre os juristas, bem como entre os dois grupos, e nos permite imaginar como esse debate sobre loucos e criminosos era muito mais intenso e difundido nas várias camadas da sociedade brasileira.

O Modernismo de 22, a Frente Negra, o Tenentismo e a Crise de 29 sacodem a década seguinte ao período estudado por Carrara. Na década de 30, a crítica aos determinismos – principalmente geográficos e raciais –

feita por Gilberto Freyre foi fundamental para reorganizar o campo das idéias médicas[1] e jurídicas entre nós, mas como o próprio Carrara aponta em seu estudo posterior – mas publicado previamente (Carrara 1997) –, os intelectuais católicos e kardecistas vão retomar como questões de ordem moral as idéias que estavam na base das reflexões dos arianistas e evolucionistas sociais. Essas idéias se reorganizam e se fortalecem para atuar perante a opinião pública e para propor formas de regulamentação da vida social, principalmente com a incorporação de segmentos da oficialidade militar, médicos e juristas em entidades como a União Espírita e o Racionalismo Cristão, e mais recentemente nas seitas neo-pentecostais.

As idéias de superioridade moral e evolução espiritual substituem, de forma nunca automática e mecânica, as idéias de superioridade racial e de evolução social tão caras à Escola Positiva do Direito e passam a alimentar o imaginário e as práticas dos atores sociais entre nós. A força dessas continuidades não podem ser subestimadas, como podemos ver na discussão do divórcio no Brasil e, mais recentemente, em torno do Projeto de Lei da *União Civil entre Pessoas do Mesmo Sexo.*

A escola pública laica, o hospital higiênico e o presídio disciplinador podem ser vistos como invenções sociais destinadas a ocupar o vazio deixado pelo esvaziamento do lugar do purgatório no imaginário do ocidente, quando sua episteme mergulha na binarização do pensamento.

As formas ternárias de racionalidade que predominaram nas sociedades européias ocidentais até o Renascimento e que previam cenas como *A luta entre o carnaval e a quaresma* de Brueguel, dito "o velho", tendem a ser relegadas a uma zona fantasma, como a das línguas clássicas perante as agências de financiamento em ciência e tecnologia e a das sociedades periféricas como a brasileira.

Como as máfias, que exploram inclusive as funerárias que sempre se localizam nas proximidades dos hospitais, permitindo que autores falem de uma geografia urbana da morte, esses "anacronismos" foram reinvestidos no último quartel do século XX de grande carga simbólica e de prestígio internacional, quando o turismo de massa e os movimentos orgiásticos passam a ser a base de consumo e símbolo de liberdade.

1. Lembrando que cultura, educação e esportes estavam aí incluídos.

Um híbrido dos sistemas jurídico-punitivo/psiquiátrico-terapêutico como o Manicômio Judiciário, quando nossos pensadores e elite ambicionavam construir um Estado-Nação moderno, racionalista e laico, é um choque. O modelo liberal em crise, contudo, gerou vários outros híbridos tão ou mais chocantes, e esse talvez seja um dos aspectos reveladores de nossa especificidade como fenômeno cultural e histórico, e que nos faz brasileiros.

Em pleno apogeu da modernidade do século XX, a normalista já aparece envolta nos aspectos mais ambíguos do que a dicotomia sagrado-profano pode dar conta na obra de Nelson Rodrigues. O médico é incorporado no panteão das entidades de umbanda, como nos mostram os cultos e sessões do Dr. Fritz. Quanto à segurança pública, as músicas populares no estilo funk de Miami, que predominam no Rio e que tomaram o mercado nacional, berram que "Está tudo dominado!"

Mais do que heróis sem nenhum caráter, homens cordiais, estrangeiros em Nova Amsterdã, nós fornecemos os nativos e os papagaios que preencheram os vazios do plano cartesiano dos jardins de Catarina de Médici. Somos a América para onde sempre foge o tio ou a tia que arrebenta com o triângulo edipiano papai-mamãe-filhinho. Mais do que um cineasta alemão para nos falar do deserto de Paris no Texas, E.U.A., temos, simultaneamente, de formas e caminhos distintos de outros povos, desenvolvido a capacidade de amalgamar "idéias antagônicas que se repelem", que pode ser muito bem exemplificada pela tela *Eros e Anti-Eros* da coleção barroca do Museu Nacional de Belas Artes, que pertencia originalmente à família real de Portugal.

Aguardamos que do material coletado – e ainda guardado – dessa viagem aos mares das aldeias-arquivo do sul, Sérgio Carrara – um sobrevivente da geração 1970-80, mesmo sem pessoas como Carmem Dora Guimarães e Nestor Perlonger para dialogar com suas idéias – ainda nos traga muitos *insigths* bons para se pensar.

BIBLIOGRAFIA

CARRARA, Sérgio. 1997. *Tributo a Vênus: a luta contra sífilis no Brasil - da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz. 332p.